

# G. R. ESCOLA DE SAMBA

## ESTAÇÃO PRIMEIRA

(MANGUEIRA)



ENRÊDO PARA O CARNAVAL

— 1962 —

“CASA GRANDE & SENZALA”

# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	3
O ENRÉDO .....	5
O DESFILE E AS ALEGORIAS .....	6
O SAMBA .....	13
A BANDEIRA .....	14
BIBLIOGRAFIA .....	15

## APRESENTAÇÃO

*Novamente participando do desfile das Escolas de Samba, sem dúvida o ponto alto do nosso Carnaval, volta a ESCOLA DE SAMBA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, primeira Super-Campeã do Estado da Guanabara, a se exhibir perante o público carioca.*

*Esta exibição é devida principalmente ao conforto e ao estímulo com que nos honram as autoridades Estaduais e o povo de nossa "Cidade-Estado".*

*Como em todos os anos esmeraram-se os encarregados do desfile em organizar um concurso racional, de forma a cumprir as finalidades a que se destina: contentar os participantes e mostrar aos assistentes um verdadeiro documentário do folclore regional.*

*Com a grave responsabilidade de defensores da verdadeira cultura popular, aqui estamos, nós e nossas co-irmãs, a lutar sem medir esforços, para a consagração final e definitiva da razão de nossa existência: O SAMBA.*

# O ENRÊDO

## CASA GRANDE & SENZALA

Em nosso "Casa Grande & Senzala" não pretendemos dividir os brasileiros da época da nossa colonização e formação em Brancos e Pretos, Senhores e Escravos. Nem o seria possível pois no trabalho comum dos engenhos de açúcar, da mineração e das fazendas de café, os elementos formadores de nossa nacionalidade como que se amalgamaram para resultar no homem brasileiro de hoje. Sob o cantar das moendas movidas pelas mansas águas dos rios, ou entre os canaviais de perder de vista; aspirando o pó do minério precioso, segurando fortemente a batéia; ou semi-encoberto pela asa em rodopio dos grãos de café na vasta peneira, o brasileiro adquiriu, paulatinamente, noção de sua força, de sua capacidade de ser livre.

Vários aspectos desses períodos de nossa história, nos séculos XVI a XIX, desfilarão em quadros e alegorias.

Mas não foi apenas o trabalho naqueles três setores de atividade que marcou esse período decisivo de nossa história; foram também os cantos, os folguedos, as danças, as festas nôite a dentro, os costumes. Senhores de engenho, escravos, Sinhazinhas, Sinhás-donas, Nhonhós, negros e negras de ganho, feitores, mineradores, toda uma população com suas características próprias, mas ligadas por um vínculo comum, às vêzes invisível, que se estende de norte a sul, penetrando todos os rincões da terra brasileira.

É a própria evolução do Brasil, nas fases de surda elaboração e de afirmação potente, de que todos os brasileiros, brancos e negros, ricos e pobres, participaram.

# O ENRÊDO

## CASA GRANDE & SENZALA

Em nosso "Casa Grande & Senzala" não pretendemos dividir os brasileiros da época da nossa colonização e formação em Brancos e Pretos, Senhores e Escravos. Nem o seria possível pois no trabalho comum dos engenhos de açúcar, da mineração e das fazendas de café, os elementos formadores de nossa nacionalidade como que se amalgamaram para resultar no homem brasileiro de hoje. Sob o cantar das moendas movidas pelas mansas águas dos rios, ou entre os canaviais de perder de vista; aspirando o pó do minério precioso, segurando fortemente a batéia; ou semi-encoberto pela asa em rodopio dos grãos de café na vasta peneira, o brasileiro adquiriu, paulatinamente, noção de sua força, de sua capacidade de ser livre.

Vários aspectos desses períodos de nossa história, nos séculos XVI a XIX, desfilarão em quadros e alegorias.

Mas não foi apenas o trabalho naqueles três setores de atividade que marcou esse período decisivo de nossa história; foram também os cantos, os folguedos, as danças, as festas nōite a dentro, os costumes. Senhores de engenho, escravos, Sinhazinhas, Sinhás-donas, Nhonhós, negros e negras de ganho, feitores, mineradores, tōda uma população com suas características próprias, mas ligadas por um vínculo comum, às vėzes invisível, que se estende de norte a sul, penetrando todos os rincões da terra brasileira.

É a própria evolução do Brasil, nas fases de surda elaboração e de afirmação potente, de que todos os brasileiros, brancos e negros, ricos e pobres, participaram.

## O DESFILE E AS ALEGORIAS

Neste enredo apresentaremos várias danças e festas populares brasileiras, mas todos as apresentarão unicamente no ritmo e no modo de dançar do samba, pois há um elo comum — o negro escravo e seus descendentes, os cidadãos de côr — que dá um ar de família à capoeira, ao maracatú, ao côco, ao afoxé, às congadas, à *folia* de São Benedito, ao lundú, e ao batuque... Difere a vestimenta, mudam os instrumentos, divergem as intenções, as formas literárias adquirem tons diversos, mas, na dança, o passo *fundamental*, que está na essência de tôdas estas manifestações populares, é o do samba.

Todos êstes folguedos têm, assim, uma razão para sambar no desfile da Mangueira.

E mais ainda: não é o samba o mínimo que se pode esperar de uma Escola de Samba?

Não já vimos Pedro Álvares Cabral, Tiradentes, o Aleijadinho, Caxias e Ozório, Nassau, Pedro I e Pedro II, José Bonifácio, Tamandaré e Barroso, a Princesa Izabel, Deodoro, Ruy, Castro Alves e outras grandes figuras da nacionalidade dançando o samba nos desfiles da Praça Onze, Avenida Presidente Vargas e da Avenida Rio Branco?

---

ABRE ALAS — Abrirá o desfile o pitoresco "Abre-Alas" apresentando, num decorativo estandarte o nome do enredo.

A "COMISSÃO DE FRENTE" — um dos itens para julgamento, será formada pela ALA DOS LORDS", uma das mais famosas alas de Escolas de Samba, pela riqueza incontestada de suas fantasias. Representará "RICOS SENHORES DE 1600 EM SEUS MELHORES TRAJES", conforme gravura da época em versão verde-rosa.

A "ALA DOS TURISTAS", em sua segunda apresentação na Estação Primeira, tentará repetir a riqueza do ano passado caracterizando "SENHORES DO PRIMEIRO ENGENHO REGULAR DE AÇÚCAR".

Os "CAPOEIRAS", representados por quatro componentes com roupas características. *Capoeira* é jôgo atlético ou luta corporal simultaneamente defensiva e ofensiva, introduzida no Brasil pelos escravos de Angola. Foi praticada em quase todo o país, tradicionalmente no Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Hoje permanece como jôgo atlético popular apenas na Bahia.

## O DESFILE E AS ALEGORIAS

Neste enredo apresentaremos várias danças e festas populares brasileiras, mas todos as apresentarão unicamente no ritmo e no modo de dançar do samba, pois há um elo comum — o negro escravo e seus descendentes, os cidadãos de côr — que dá um ar de família à capoeira, ao maracatú, ao côco, ao afoxé, às congadas, à *folia* de São Benedito, ao lundú, e ao batuque... Difere a vestimenta, mudam os instrumentos, divergem as intenções, as formas literárias adquirem tons diversos, mas, na dança, o passo *fundamental*, que está na essência de tôdas estas manifestações populares, é o do samba.

Todos êstes folguedos têm, assim, uma razão para sambar no desfile da Mangueira.

E mais ainda: não é o samba o mínimo que se pode esperar de uma Escola de Samba?

Não já vimos Pedro Álvares Cabral, Tiradentes, o Aleijadinho, Caxias e Ozório, Nassau, Pedro I e Pedro II, José Bonifácio, Tamandaré e Barroso, a Princesa Izabel, Deodoro, Ruy, Castro Alves e outras grandes figuras da nacionalidade dançando o samba nos desfiles da Praça Onze, Avenida Presidente Vargas e da Avenida Rio Branco?

---

ABRE ALAS — Abrirá o desfile o pitoresco "Abre-Alas" apresentando, num decorativo estandarte o nome do enredo.

A "COMISSÃO DE FRENTE" — um dos itens para julgamento, será formada pela ALA DOS LORDS", uma das mais famosas alas de Escolas de Samba, pela riqueza incontestada de suas fantasias. Representará "RICOS SENHORES DE 1600 EM SEUS MELHORES TRAJES", conforme gravura da época em versão verde-rosa.

A "ALA DOS TURISTAS", em sua segunda apresentação na Estação Primeira, tentará repetir a riqueza do ano passado caracterizando "SENHORES DO PRIMEIRO ENGENHO REGULAR DE AÇÚCAR".

Os "CAPOEIRAS", representados por quatro componentes com roupas características. *Capoeira* é jôgo atlético ou luta corporal simultaneamente defensiva e ofensiva, introduzida no Brasil pelos escravos de Angola. Foi praticada em quase todo o país, tradicionalmente no Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Hoje permanece como jôgo atlético popular apenas na Bahia.

A seguir a "ALA DOS ALIADOS", com trajes de "RICOS SENHORES DO INÍCIO DO SÉCULO XVIII".

"O MARACATÚ" — Desfile dos *Reis do Congo*, eleitos pelos escravos, para coroação nas igrejas. Após a coroação, havia o *batuque*. Diz Câmara Cascudo que, perdida a tradição sagrada, o grupo convergiu para o carnaval, conservando elementos distintos de qualquer outro cordão na espécie. O *maracatú* apareceu primitivamente no carnaval pernambucano, estendendo-se posteriormente ao carnaval cearense e paraibano. Surgem Juca e Chininha, ela, neta do primeiro presidente da Estação Primeira, representando o Rei e a Rainha do Maracatú, a pastora Anadelis na dança da boneca, e os componentes da "côrte".

A "ALA DOS BARÕES" representará os feitores da época, seguidos por uma dança de escravos: O CÔCO. Côco é canto e dança do nordeste. O canto, tirado por um solista, o coqueiro, é respondido em côro pelos demais participantes. Os versos se compõem de quadras, emboladas, sextilhas e décimas. A dança, em que há visível influência africana, é dançada, comumente, em roda, por homens e mulheres, ao som de instrumentos de percussão.

Precedendo a 1.<sup>a</sup> alegoria, a ALA DA MOCIDADE DO SERENO numa "FESTA NO ENGENHO EM 1700", seguida por "LAVRADORES TRANSPORTANDO CANA", alegoria ao trabalho nos engenhos de açúcar, trabalho executado com notável precisão rítmica, quase coreográfica, e suavizado pela cantoria típica dos transportadores. É, portanto, canto e dança dos trabalhadores rurais.

### 1.<sup>a</sup> ALEGORIA

Em oito excelentes cópias de gravuras de Rugendas, mostramos, além de um engenho de açúcar, da colheita do café, e da mineração do ouro, cinco quadros sôbre os costumes e tipos brasileiros.

### PORTA-BANDEIRA e MESTRE-SALA.

NEIDE e DELEGADO, o mais famoso dos Mestre-Sala de Escola de Samba, apresentarão sua espetacular coreografia.

RICOS SENHORES DE 1750 — (ALA DOS EMBAIXADORES).



A seguir a "ALA DOS ALIADOS", com trajes de "RICOS SENHORES DO INÍCIO DO SÉCULO XVIII".

"O MARACATÚ" — Desfile dos *Reis do Congo*, eleitos pelos escravos, para coroação nas igrejas. Após a coroação, havia o *batuque*. Diz Câmara Cascudo que, perdida a tradição sagrada, o grupo convergiu para o carnaval, conservando elementos distintos de qualquer outro cordão na espécie. O *maracatú* apareceu primitivamente no carnaval pernambucano, estendendo-se posteriormente ao carnaval cearense e paraibano. Surgem Juca e Chininha, ela, neta do primeiro presidente da Estação Primeira, representando o Rei e a Rainha do Maracatú, a pastora Anadelis na dança da boneca, e os componentes da "côrte".

A "ALA DOS BARÕES" representará os feitores da época, seguidos por uma dança de escravos: O CÔCO. Côco é canto e dança do nordeste. O canto, tirado por um solista, o coqueiro, é respondido em cântico pelos demais participantes. Os versos se compõem de quadras, emboladas, sextilhas e décimas. A dança, em que há visível influência africana, é dançada, comumente, em roda, por homens e mulheres, ao som de instrumentos de percussão.

Precedendo a 1.<sup>a</sup> alegoria, a ALA DA MOCIDADE DO SERENO numa "FESTA NO ENGENHO EM 1700", seguida por "LAVRADORES TRANSPORTANDO CANA", alegoria ao trabalho nos engenhos de açúcar, trabalho executado com notável precisão rítmica, quase coreográfica, e suavizado pela cantoria típica dos transportadores. E, portanto, canto e dança dos trabalhadores rurais.

### 1.<sup>a</sup> ALEGORIA

Em oito excelentes cópias de gravuras de Rugendas, mostramos, além de um engenho de açúcar, da colheita do café, e da mineração do ouro, cinco quadros sobre os costumes e tipos brasileiros.

**PORTA-BANDEIRA e MESTRE-SALA.**

NEIDE e DELEGADO, o mais famoso dos Mestre-Sala de Escola de Samba, apresentarão sua espetacular coreografia.

**RICOS SENHORES DE 1750 — (ALA DOS EMBAIXADORES).**

*NEGRAS DE GANHO DA BAHIA* — Homenagem às negras “de ganho”, isto é, aquelas que, por conta própria ou dos senhores, levavam à rua o produto da pequena indústria alimentar doméstica, para vender.

*SENHORES E SINHA-DONAS* — (ALA DOS POBRES DE PARIS).

*RICAS MULATAS BAIANAS* — (JUPIRA E SUAS CABROCHAS). As damas ricas da Bahia, segundo Vilhena, “aparecem com suas mulatas e pretas vestidas com ricas saias de cetim, becas de iemiste finíssimo, e camisas de cambraia, ou calças bordadas de forma tal que vale o labor três ou quatro vezes mais que a peça, e tanto é o ouro que cada uma leva em fivelas, cordões, pulseiras, colares ou braceletes e bentinhos que sem hipérbole basta para comprar duas ou três negras ou mulatas como a que o leva...”

A ALA DOS DUQUES, em riquíssima fantasia caracterizará “*SENHORES DE ENGENHO DA BAHIA E SUAS SENHORAS*”.

*O AFOXÊ* — Rancho negro do carnaval da Bahia, “O candomblé nas ruas”, segundo Nina Rodrigues, comparável, sob certos aspectos, ao maracatú pernambucano, porém com suas características próprias.

*SINHOSINHOS E SINHASINHAS* serão representados por meia centena de crianças da já famosa ALA INFANTIL, a semente de sambistas; ainda este ano precedida por JOSÉ ROBERTO, espetacular revelação como Mestre-Sala e GUEZINHA sua graciosa Porta-Bandeira.

REGINA, jovem pastora, em maravilhosa fantasia caracterizará *A MAIS RICA SINHA-DONA DA BAHIA*.

## 2.<sup>a</sup> ALEGORIA

### AS CONGADAS

Autos populares negros, também conhecidos pelas denominações *congós* e *congados*. Compreende danças, episódios que lembram fatos históricos e tradicionais da África, executados durante as festas religiosas católicas. Câmara Cascudo assinalou o poderoso sincretismo religioso e social que fez predominar nos *congós* reminiscências tribais, heroísmo,

*NEGRAS DE GANHO DA BAHIA* — Homenagem às negras “de ganho”, isto é, aquelas que, por conta própria ou dos senhores, levavam à rua o produto da pequena indústria alimentar doméstica, para vender.

*SENHORES E SINHA-DONAS* — (ALA DOS POBRES DE PARIS).

*RICAS MULATAS BAIANAS* — (JUPIRA E SUAS CABROCHAS). As damas ricas da Bahia, segundo Vilhena, “aparecem com suas mulatas e pretas vestidas com ricas saias de cetim, becas de iemiste finíssimo, e camisas de cambraia, ou calças bordadas de forma tal que vale o labor três ou quatro vezes mais que a peça, e tanto é o ouro que cada uma leva em fivelas, cordões, pulseiras, colares ou braceletes e bentinhos que sem hipérbole basta para comprar duas ou três negras ou mulatas como a que o leva...”

A ALA DOS DUQUES, em riquíssima fantasia caracterizará “*SENHORES DE ENGENHO DA BAHIA E SUAS SENHORAS*”.

*O AFOXÊ* — Rancho negro do carnaval da Bahia, “O candomblé nas ruas”, segundo Nina Rodrigues, comparável, sob certos aspectos, ao maracatú pernambucano, porém com suas características próprias.

*SINHOSINHOS E SINHASINHAS* serão representados por meia centena de crianças da já famosa ALA INFANTIL, a semente de sambistas; ainda este ano precedida por JOSÉ ROBERTO, espetacular revelação como Mestre-Sala e GUEZINHA sua graciosa Porta-Bandeira.

REGINA, jovem pastora, em maravilhosa fantasia caracterizará *A MAIS RICA SINHA-DONA DA BAHIA*.

## 2.<sup>a</sup> ALEGORIA

### AS CONGADAS

Autos populares negros, também conhecidos pelas denominações *congós* e *congados*. Compreende danças, episódios que lembram fatos históricos e tradicionais da África, executados durante as festas religiosas católicas. Câmara Cascudo assinalou o poderoso sincretismo religioso e social que fez predominar nos *congós* reminiscências tribais, heroísmo,

ou tragédias; os cantos comuns em uníssono; as arengas intermináveis, tão ao sabor africano. Predominam, os *congós*, os instrumentos de percussão.

Carregados por oito escravos vêm imponentes e majestosos o Rei e a Rainha do Congo, em artístico e rico andor.

## 2.º MESTRE-SALA e PORTA-BANDEIRA

ARÍZIO e TEREZA, segundos mestre-sala e Porta-bandeira apresentarão, a seguir, suas evoluções.

A "ALA DOS GRANFINOS" representando "ESCRAVOS DE CASA-RICA EM LIBRÊ DE GALA".

"BARATINO" e "PERÚ" são os "PEDINTES DA ORDEM DE S. BENEDITO". "São Benedito é santo de prêto", na concepção popular. Em tôdas as festas religiosas do Brasil, em que o povo intervém decisivamente, há sempre um grupo destacado pela *Irmandade* para percorrer a região circunvizinha, pedindo esmolas para a festa do santo.

"ESCRAVOS EM LIBRÊ DE GALA E MUCAMAS DE DENTRO", representados pela "ALA DOS IMPERADORES".

"SINHÁ-DONA DE GRANDE ENGENHO", apresentação da famosa pastora "NOCA", seguida de "SINHÁS-MOÇAS EM IDADE DE CASAMENTO".

A "ALA DOS MAGNATAS" apresentará "SENHORES DE ENGENHO DO RIO DE JANEIRO, 1760".

A seguir "RICAS SINHÁS-DONAS DO RIO DE JANEIRO". ("ALA DAS CABROCHAS DE MANGUEIRA").

DANÇA DE ESCRAVOS — O LUNDÚ — representada pelos passistas MARIA HELENA, MIRO e MENININHO.

Dança e canto de origem africana, devidos aos escravos de Angola, mas com feição brasileira, visto que a sua execução se deveu a negros crioulos, isto é, nascidos no Brasil (Cf. Câmara Cascudo, Dicionário do Folclore Brasileiro). Ascendendo das senzalas para as festas suburbanas e daí galgando tôdas as escalas sociais, o lundú influiu poderosamente na caracterização de uma canção nacional brasileira. e a própria modinha e o chôro seresteiro também sentiram A chula, o tango brasileiro, o fado, muito devem ao lundú, essa influência. Hoje o lundú está diluído na inconsciência musical do nosso povo, encontrando-se um ou outro elemento típico em quaisquer gêneros cantados com raras exceções.

SINHÁ-DONAS MINEIRAS EM PASSEIO em apresentação da Ala das CAPRICHOSAS, seguidas pela ALA DOS DOS NOBRES como SENHORES DE MINAS GERAIS EM TRAJES DE CERIMÔNIA.

ou tragédias; os cantos comuns em uníssono; as arengas intermináveis, tão ao sabor africano. Predominam, os *congós*, os instrumentos de percussão.

Carregados por oito escravos vêm imponentes e majestosos o Rei e a Rainha do Congo, em artístico e rico andor.

## 2.º MESTRE-SALA e PORTA-BANDEIRA

ARÍZIO e TEREZA, segundos mestre-sala e Porta-bandeira apresentarão, a seguir, suas evoluções.

A "ALA DOS GRANFINOS" representando "ESCRAVOS DE CASA-RICA EM LIBRÉ DE GALA".

"BARATINO" e "PERÚ" são os "PEDINTES DA ORDEM DE S. BENEDITO". "São Benedito é santo de prêto", na concepção popular. Em tôdas as festas religiosas do Brasil, em que o povo intervém decisivamente, há sempre um grupo destacado pela *Irmandade* para percorrer a região circunvizinha, pedindo esmolas para a festa do santo.

"ESCRAVOS EM LIBRÉ DE GALA E MUCAMAS DE DENTRO", representados pela "ALA DOS IMPERADORES".

"SINHÁ-DONA DE GRANDE ENGENHO", apresentação da famosa pastora "NOCA", seguida de "SINHÁS-MOÇAS EM IDADE DE CASAMENTO".

A "ALA DOS MAGNATAS" apresentará "SENHORES DE ENGENHO DO RIO DE JANEIRO, 1760".

A seguir "RICAS SINHAS-DONAS DO RIO DE JANEIRO". ("ALA DAS CABROCHAS DE MANGUEIRA").

DANÇA DE ESCRAVOS — O LUNDÚ — representada pelos passistas MARIA HELENA, MIRO e MENININHO.

Dança e canto de origem africana, devidos aos escravos de Angola, mas com feição brasileira, visto que a sua execução se deveu a negros crioulos, isto é, nascidos no Brasil (Cf. Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*). Ascendendo das senzalas para as festas suburbanas e daí galgando tôdas as escalas sociais, o lundú influiu poderosamente na caracterização de uma canção nacional brasileira. e a própria modinha e o choro seresteiro também sentiram. A chula, o tango brasileiro, o fado, muito devem ao lundú, essa influência. Hoje o lundú está diluído na inconsciência musical do nosso povo, encontrando-se um ou outro elemento típico em quaisquer gêneros cantados com raras exceções.

SINHÁ-DONAS MINEIRAS EM PASSEIO em apresentação da Ala das CAPRICHOSAS, seguidas pela ALA DOS DOS NOBRES como SENHORES DE MINAS GERAIS EM TRAJES DE CERIMÔNIA.

O famoso passista ROXINHO caracterizará *RICO MINERADOR EM TRAJE DE FESTA*.

*CHICA DA SILVA* (pastora Margarida) *JOÃO FERNANDES* (Chico Porão, sócio n.º 1 da Mangueira) *E AS MUCAMAS*. Mulata ex-escrava, Chica da Silva se tornou famosa pelo fausto em que viveu (1760/1770) a partir do momento em que se fêz amante do desembargador João Fernandes de Oliveira, contador dos diamantes de Minas Gerais, — “Rico como um nababo, poderoso como um príncipe, ... um pequeno soberano do Tijuco” (Diamantina), segundo Joaquim Felício dos Santos. Era alta e corpulenta e usava “uma cabeleira anelada de cachos pendentes”. O historiador mineiro escreve que “sua vontade era cegamente obedecida, seus mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos”. Certa vez quis saber como era um navio e, na chácara que lhe dera como residência, João Fernandes “mandou abrir um vasto tanque e construir um navio em miniatura, que podia conter oito a dez pessoas, com mastros, com velas, cabos e todos os demais aparelhos das grandes embarcações”. Chica da Silva “fazia alarde de um luxo e grandeza que deslumbrava as famílias mais ricas e importantes”; quando ia à igreja, “acompanham-na 12 mulatas esplêndidamente trajadas”; e os grandes, os nobres, enfatuados da sua fidalguia, “não se dedignavam de render-lhe homenagem” curvando-se para beijar-lhe a mão.

“*SENHORES E SENHORAS DE MINAS EM 1850*” —

“*ALA DA MOCIDADE RICA*”.

### 3.<sup>a</sup> ALEGORIA

A melhor descrição de nossa 3.<sup>a</sup> Alegoria está na 2.<sup>a</sup> parte do nosso Samba:

“Nos salões elegantes  
Dançavam Sinhá-Donas e Senhores  
E nas Senzalas os escravos  
Cantavam batucando os seus tambores”.

Assim na parte da frente do carro um painel de um rico salão e na frente duas imponentes esculturas de um Senhor e uma Senhora dançando, e na parte trazeira, um

painel de uma senzala, dois negros, uma negra em atitude de canto e dança, e um outro batucando um "atabaque" típico instrumento africano, todos em tórno de uma fogueira.

### 3.<sup>a</sup> PORTA-BANDEIRA E 3.<sup>o</sup> MESTRE-SALA

MARIA e JACÓ, a seguir, apresentando suas evoluções.

"*ELEGANTES SENHORES MINEIROS EM 1860*", representados pela "ALA DOS BOÊMIOS" uma das mais antiga da Escola, seguida de *ES CRAVA ALFORRIADA E SUAS FILHAS* e de *SINHÁS-DONAS DE SÃO PAULO EM PASSEIO* — "ALA DAS BAILARINAS".

*DANÇA DE ESCRAVOS — O BATUQUE* — (Waldemiro, Claudionor e Caetano).

Dança com sapateado e palmas, ao som de cantigas acompanhadas unicamente de tambor, quando legitimamente negro, ou também de viola e pandeiro, "quando entra gente mais assejada" diz Macedo Soares no seu "Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa". Assim como o LUNDU influiu decisivamente na nossa maneira de cantar, o BATUQUE modelou, por assim dizer, nossa coreografia popular. Ritmo quente, próprio para desenvolver as habilidades coreográficas individuais dos dançarinos, dêle parecem originários, ou desligados por força de uma prática intensiva, inúmeros *passos* de dança que mais tarde se tornaram gêneros especiais, como a capoeira, o frêvo, o samba, etc. O batuque inspirou farta literatura descritiva, um famoso desenho de Rugendas e algumas das mais belas páginas da música erudita brasileira.

*FAZENDEIROS DE CAFÉ e SUAS SENHORAS* — pela "ALA DOS FIDALGOS", fazendo sua estréia entre nós.

...*PENEIRANDO CAFÉ*... — Alegoria ao trabalho nos cafézais paulistas, trabalho graciosamente ritmado, e representado por 11 jovens.

"*OS RICOS SENHORES PAULISTAS*", serão apresentados pela "ALA DOS ABANDONADOS" em sua 1.<sup>a</sup> apresentação na Estação Primeira.

A seguir os Senhores de 1862.

### 4.<sup>a</sup> ALEGORIA

É, enfim, o resumo de todo o nosso enredo.

O Branco e o Negro unidos para construir a nossa riqueza.

A cana de açúcar, o café (dos dois lados do carro em escultura) e a mineração, representada pelo ouro e pelas pedras preciosas em um riacho.

#### 4.º MESTRE-SALA e 4.ª PORTA-BANDEIRA

**ARILTO** e **MOCINHA**, ex-1.º Mestre de Sala e ex-1.ª Porta-Bandeira, agora retornando as fileiras da Escola de Samba Estação Primeira.

Serão seguidos pelo famosíssimo **CORPO DE BAIANAS DA MANGUEIRA** e pela espetacular **BATERIA**.

Violões, cavaquinhos, pratos e facas e pandeiros representarão o

#### PARTIDO ALTO.

O samba do *partido alto* está na origem do samba. Ao som de viola, cavaquinho, prato e faca e palmas, dançava-se o samba nas senzalas e nos morros, fazendo letras e versando (improvisando).

A **ALA DOS COMPOSITORES**, uma das glórias da **ESTAÇÃO PRIMEIRA** e que tantos grandes compositores já projetou desfilará após.

Encerrando o Desfile virão respectivamente o Conselho Deliberativo e a **DIRETORIA** da Escola.

Entre as diversas alas acima descritas desfilarão diversos destaques masculinos e femininos representando os elegantes das várias épocas e regiões.



# O SAMBA

"CASA GRANDE E SENZALA"

De autoria da

ALA DOS COMPOSITORES DE MANGUEIRA

## I

Pretos escravos e Senhores  
Pelo mesmo ideal irmanados  
A desbravar  
Os vastos rincões não conquistados,  
Procurando evoluir, para unidos conseguir  
A sua emancipação;  
Trabalhando nos canaviais,  
Mineração e cafezais.  
Antes do amanhecer, já estavam de pé { *BIS*  
Nos engenhos de açúcar  
Ou peneirando café.

## II

Nos campos e nas fazendas  
Lutaram com galhardia,  
Consolidando a sua soberania;  
E êsses bravos,  
Com ternura e amor  
Esqueciam as lutas da vida,  
Em festas de raro esplendor.  
Nos salões elegantes  
Dançavam Sinhá-Donas e Senhores  
E nas Senzalas os escravos  
Cantavam batucando seus tambores  
CORO { Louvor a êste povo varonil  
Que ajudou a construir  
A riqueza do nosso Brasil.

## A BANDEIRA

Foi confeccionada pelo famoso especialista "ARNALDO, o Rei das Flâmulas".

Sobre o fundo rosa em *sêda-pura* com as bordas verdes também em *sêda-pura* e a *franja* em *fio de metal dourado*, marcação do sambo, tendo por baixo dois ramos de fôlhas estão as "armas" da Escola — um *surdo*, instrumento de e por cima uma coroa, bordados em *canotilho de metal dourado e pedrarias*.

O nome da Escola (G. R. E. S. ESTAÇÃO PRIMEIRA — MANGUEIRA) e a data (1962) são bordados em *canotilho crespo, brilhante, de metal dourado*.

Os dois lados da bandeira são igualmente bordados e luxuosamente acabados.

A estrela, bordada a ouro, no canto esquerdo da bandeira significa os primeiros 25 anos de fundação da Escola (28/4/928).

## BIBLIOGRAFIA

O nosso enredo e nossas fantasias foram baseados nas seguintes publicações:

1. J. B. DEBRET:  
"Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil".
2. M. RUGENDAS:  
"Viagem Pitoresca Através do Brasil".
3. "EDISON CARNEIRO:  
"Candomblé na Bahia".
4. NINA RODRIGUES:  
"O Negro no Folclore Brasileiro".
5. LUIZ DA CAMARA CASCUDO:  
"Diccionario do Folclore Brasileiro".
6. MELO MORAIS FILHO:  
"Festas e Tradições Populares do Brasil".
7. GILBERTO FREYRE:  
"Casa Grande e Senzala".  
"Gua pratico e pitoresco da cidade de Olinda".
8. JEAN DE LERY:  
"Viagem à Terra do Brasil".
9. CARL SEIDLER:  
"Dez anos no Brasil".
10. DANIEL P. KIDDER:  
"Reminiscências de Viagens e Permanência do Brasil".
11. JOAN NIEUHOF:  
"Memorável Viagem Maritima e Terrestre no Brasil".
12. LUIZ EDMUNDO:  
"Recordações do Rio Antigo";  
"O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis";  
"A Côrte de D. João VI no Rio de Janeiro"  
"O Rio de Janeiro do Meu Tempo".
13. MACEDO SOARES:  
"Diccionario da Língua Portuguesa".
14. LIBRAIRIE HACHETTE:  
"Histoire du Costume".
15. HENNY HARALD HANSEN:  
"Diccionario do Costume".
16. GRÜND:  
"Diccionaire du Costume".